

JOSE CARDOSO PIRES

CONTO INÉDITO E ROTEIRO DE LISBOA

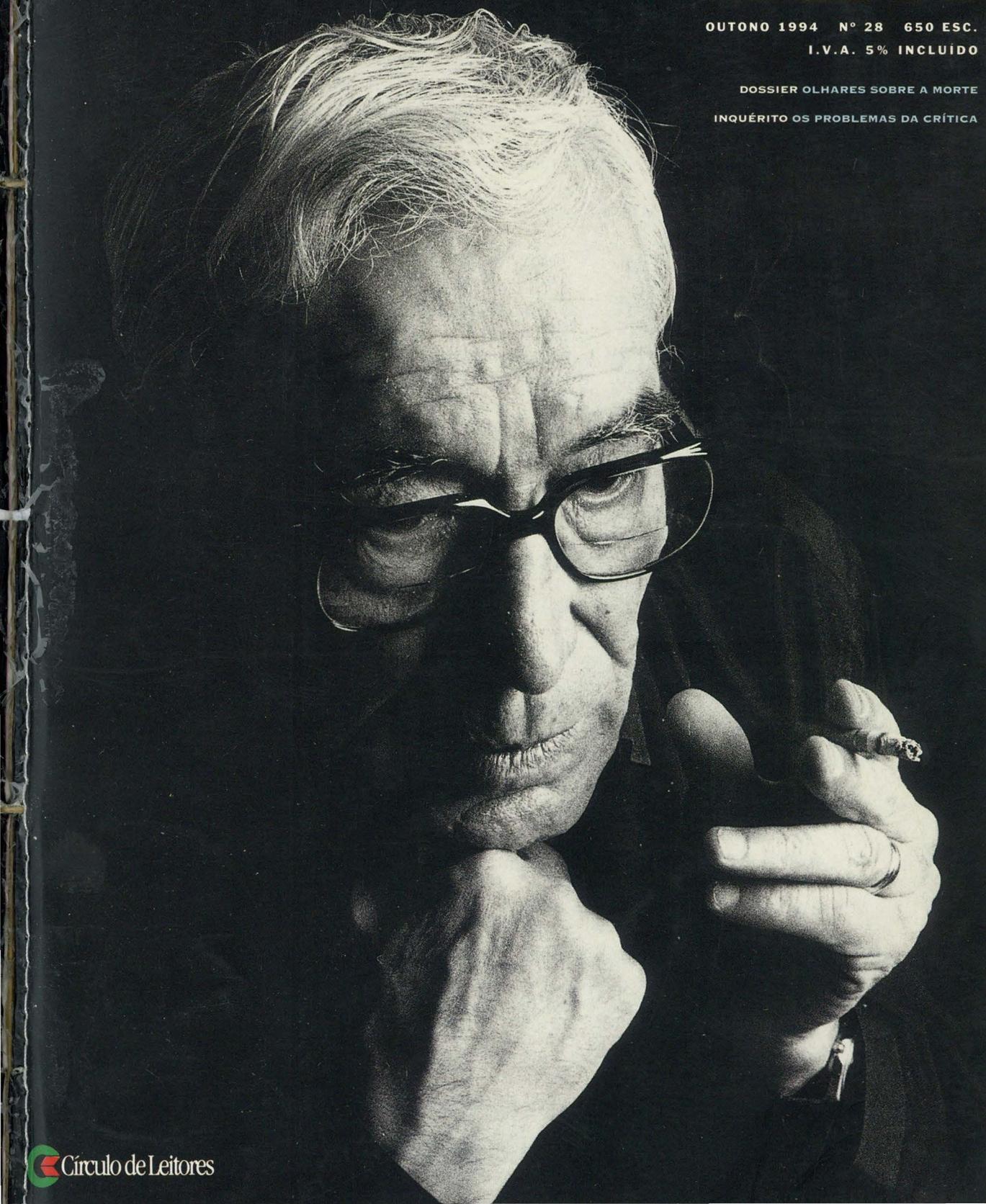
LER

OUTONO 1994 N.º 28 650 ESC.

I.V.A. 5% INCLUÍDO

DOSSIER OLHARES SOBRE A MORTE

INQUÉRITO OS PROBLEMAS DA CRÍTICA



LER
DEPÓSITO LEGAL
-O. DEZ. 1994

S I N A I S

Rev. 2839



LIVROS & LEITORES
PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

DIRECTOR

Francisco José Viegas

DIRECÇÃO GRÁFICA

Henrique Cayatte

FOTOGRAFIA

João Francisco Vilhena

SECRETÁRIA DA REVISTA

Maria José Pereira

REVISÃO E COPYDESK

António José Massano

ARQUIVO & APOIO À REDACÇÃO

Rita Sá Marques

PAGINAÇÃO POR COMPUTADOR

Sofia Barbosa

COLUNISTAS

Al Berto, Duarte Moral, José Quitério,
Manuel Hermínio Monteiro, Manuel Poppe,
Mário Cláudio, Nuno Júdice, Rita Ferro

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Ana Margarida Carvalho, Anna Toivola,
António Matos, Baptista-Bastos, Carlos Pessoa,
Cristina Duarte, Eduardo Guerra Carneiro,
Eduardo Pitta, Fernando Pinto do Amaral,
Fernando Venâncio, Filipa Melo, Gil de Carvalho,
Inês Pedrosa, Jorge Pires, José do Carmo
Francisco, José Guardado Moreira, José Riço
Direitinho, Levi Condinho, Luís Alegre, Luís
Coelho, Luís Manuel Gaspar, Maria Cardeira da
Silva, Miguel Serras Pereira, Pedro Caldeira
Rodrigues, Rita Carmo, Rui Baião, Rui Pedro
Luz, Sarah Adamopoulos, Vítor Quelhas

CAPA

Fotografia de João Francisco Vilhena

ADMINISTRADOR

Rui Beja

ADMINISTRADOR DA PUBLICAÇÃO

João Alvim

DIRECTOR ADMINISTRATIVO

Luís Fernandes

RELAÇÕES PÚBLICAS

Isabel Portugal

PRODUÇÃO

Francisco José Viegas

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. Prof. Jorge da Silva Horta — Edifício Círculo
Sta. Cruz de Benfca 1500 LISBOA
Telef. 760 92 21 Fax 760 95 91

PROPRIEDADE

Círculo de Leitores, Lda., S. Marcos, Cacém
Pessoa Colectiva n.º 500 064 466
Matrícula n.º 6 652 da CRC Sintra
Capital Social de 500 000 000\$00

MONTAGEM

Policor

IMPRESSÃO

Printer Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO

Electroliber

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO

20 000 exemplares

PRÓXIMA EDIÇÃO

Janeiro de 1995

DEPÓSITO LEGAL

18 577 / 94

Preço por número: *Continente*, Esc. 650\$00;
Assinatura anual em Portugal: Esc. 2 400\$00;
Estrangeiro: *Europa*, Esc. 3 800\$00;
Resto do Mundo, Esc. 5 800\$00.

LER é publicada em Portugal, Lisboa,
por Círculo de Leitores, Lda. Quatro números por ano
Cupão de Assinaturas nas páginas 4 e 5
Números atrasados: Esc. 700\$00

© Círculo de Leitores, 1994

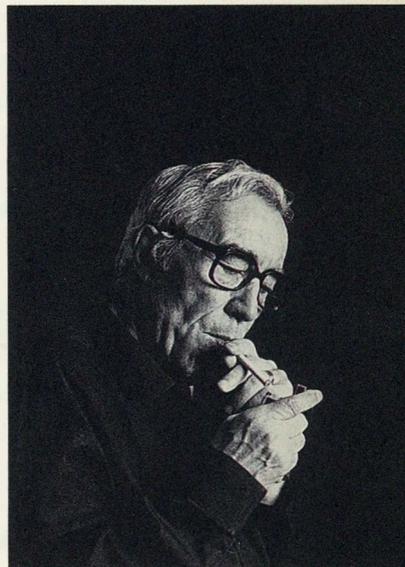
Esta edição é totalmente impressa (à excepção da capa) em
papel ecológico, sem cloro, ácidos ou branqueantes ópticos.

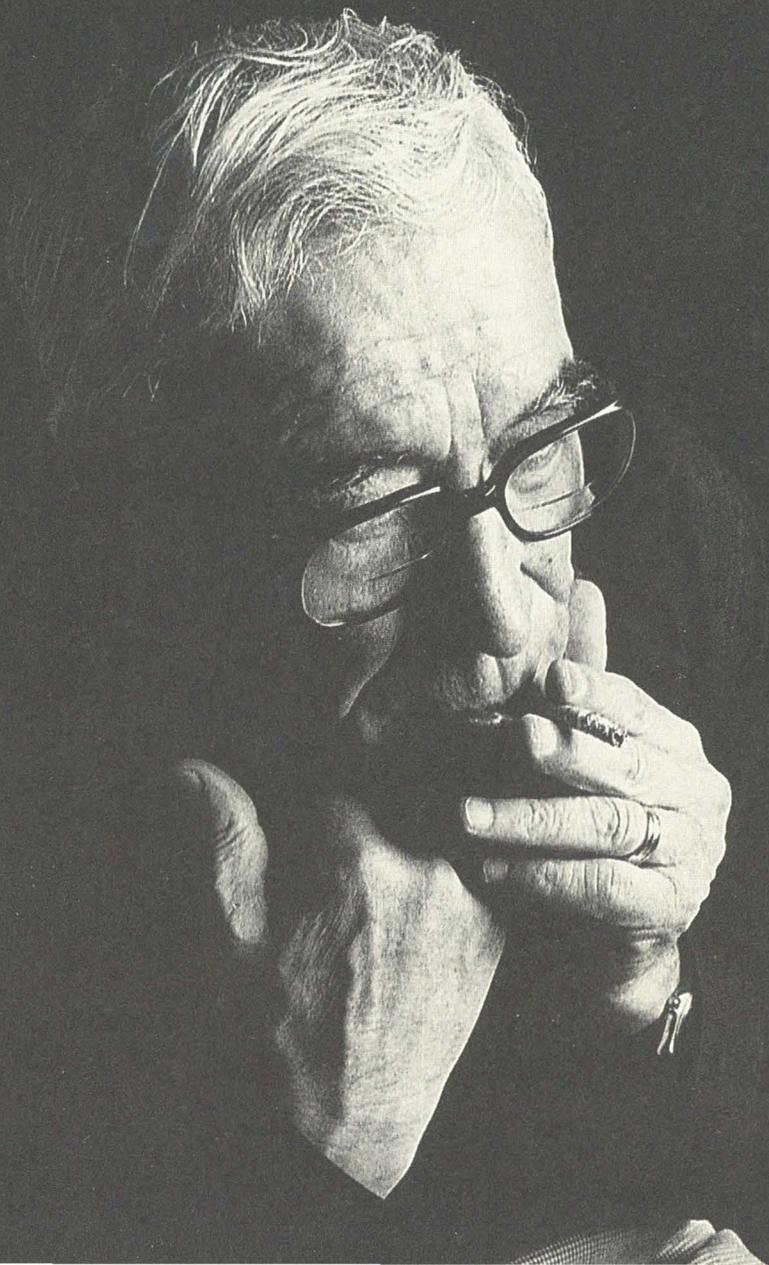
*Neste trimestre, com o Outono, visita-se a morte. Em
palavras. Textos, entre outros, de Nuno Júdice, Vasco
Graça Moura, Eduardo Guerra Carneiro, José,
Agostinho Baptista, Al Berto, Baptista-Bastos. Um
conto inédito de José Cardoso Pires leva-nos a
visitar, também, alguns dos lugares essenciais da obra
deste escritor — uma visita guiada e romântica à
solidão da literatura. E há*

*mais: Fernando Venâncio
visitou escritores, críticos,
jornalistas e editores em
busca de uma resposta para
algumas interrogações so-
bre a crítica literária entre
nós. De alguns livros (como
Húmus, de Raul Brandão,*

*O Talento Mr. Ripley, de Patricia Highsmith,
histórias de Corto Maltese, por Hugo Pratt, O Re-
trato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, e Mau Tempo
no Canal, de Vitorino Nemésio), estudámos o perfil e
a «substância» — e procurámos roupas a rigor. É
uma proposta de «moda literária» para esta edição.
Além disso, evidentemente, há crónicas, notícias,
livros escolhidos a dedo, e ainda Antoine de St.
Exupéry lembrado. E a lista dos livros a publicar
em Portugal até Dezembro. Nessa altura, voltaremos.*

JOÃO FRANCISCO VILHENA





Há qualquer coisa especial no rosto deste homem: uma imagem, um fragmento de desilusão, um recorte cruel e vivo contra a luz do dia, a marca dos seus livros, das histórias que continuamente imagina e reconstrói a partir de uma visita a Lisboa e à História. Uma ironia magoada por outros nomes e pela sensação de ter vivido todas as histórias de que os seus próprios livros falam, página a página, frase a frase, personagem a personagem. Cruzam-se com ele, na rua, justamente, os personagens que mandou habitar esses livros e que, por uma estranha solidariedade, saem por vezes dessas páginas para o acompanharem em deambulação, amistosamente, com um sorriso nos lábios — o sorriso de quem sabe uma parte da verdade e que essa verdade também é a da literatura.

Nunca o conheci senão dos versos, mas ia jurar que o cavalheiro de gabardine e óculos tristes que acaba de desembarcar no aeroporto de Lisboa é o poeta Álvaro de Campos com que Fernando Pessoa se disfarçou em vida.

À primeira vista são

Ficção inédita

iguais, embora nasces-

sem diferentes: o mes-

mo chapéu de fita larga,

a mesma gabardine, o

mesmo bigode curto,

enfim, a mesma figura que os pintores e os ilustradores de jornais

não se cansam de repetir desde que o Mestre se tornou universal nas

letras contemporâneas.

Mas esse Pessoa já deixou o mundo há algumas dezenas de anos e o

que vai acolá, a atravessar o *hall* do aeroporto, não pode ser senão o

outro que ele escreveu sob o pseudónimo de Álvaro de Campos para

se contar a si mesmo e a Lisboa que viveu a certas luzes do desen-

canto. São gémeos embora se pense que não, mas Campos é uma

auto-personagem do Pessoa e está vivo, enquanto que o outro

repousa, consagradíssimo, no panteão das glórias nacionais. Como se

O VIAJANTE ANUNCIADO

JOSÉ CARDOSO PIRES

sabe, os poetas morrem e as personagens ficam, pelo menos é o que diz a História.

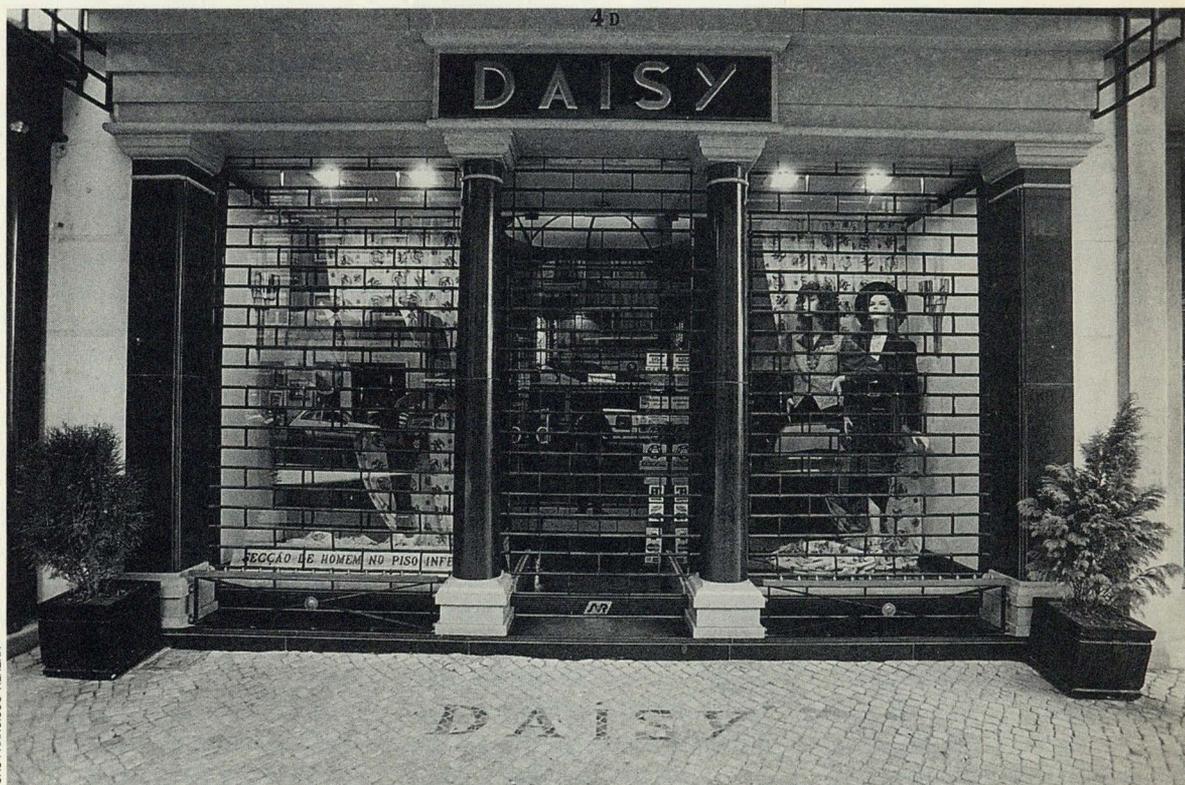
De Campos pouco se conhece. Andou na mesma Lisboa onde nasceu e morreu Fernando Pessoa (sem nunca se terem encontrado, ao que parece), fez-se engenheiro naval em Glasgow, viajou («perdeu países», confessou ele um dia por escrito) e acabou por se fixar em Durban como director dos estaleiros do porto ou coisa assim. Diz-se que nessa altura já era o indivíduo solitário que sempre foi toda a vida, calmo e solitário como Pessoa, mas de cara rapada e com um monóculo para se distinguir de si mesmo.

vista a esmaecer, a perigar; a pouco e pouco o monóculo, esse ornato, dera lugar a uns óculos burocráticos que o tornavam mais austero, mais agudo e também mais enigmático. Ali, à luz dum *abat-jour* amortecido e com insectos africanos a adejarem contra os vidros da janela, vivia a mesma Lisboa, lá longe, à beira-Tejo, que Fernando Pessoa percorria dia a dia sob o nome de um certo Álvaro de Campos, poeta da sua invenção.

Campos, poeta-personagem, poeta inventado? O mais estranho é que ele só se deu conta desse mistério, tarde, muito tarde: quando Pessoa, já morto e figura nacional, se tornou o grande

De Álvaro de Campos? Ele, escritor secreto, expatriado, a que propósito ali e em tão nobre companhia? Estonteado, ansioso, mergulhou no livro verso a verso e, por assombramento, magia, delírio, ou o que quer que fosse, naquele Pessoa agora consagrado estava a «Lisboa, Tejo e tudo» que ele próprio contara durante noites e noites no seu quarto de hotel. Tudo, senhores. Até a prefiguração da sua própria morte:

«Olha, Daisy: quando eu morrer tu hás-de dizer aos meus amigos aí de Londres, embora não o sintas, que tu escondes a grande dor da minha morte...»



JOÃO FRANCISCO VILHENA

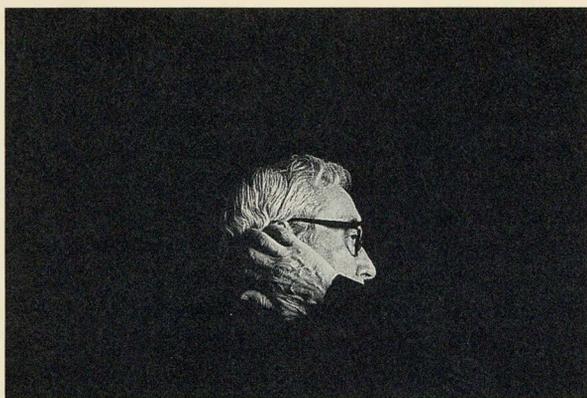
«A minha pátria é onde não estou», declarou ele algures, muito a sós. Por essa razão é que, exilado em Durban, se fechava à noite no quarto de hotel a reviver em versos de poeta secreto a Lisboa que tinha deixado há tantos anos. O Rossio, os cafés da Baixa, a tabacaria de bairro, todo esse mundo de longe vinha então habitar a sua solidão porque era fora do espaço imediato que Campos sentia mais real a sua pátria.

Anos e anos nesta escrita nocturna e certamente confidencial. E à medida que avançava no papel, as recordações tornavam-se cada vez mais exactas, a boca cada vez mais queimada de cigarros, e a

best-seller das letras portuguesas e uma voz reconhecida no estrangeiro. Antes disso, tinha-o lido de passagem numa ou noutra revista, polémicas, coisas avulsas, e, salvo erro, soubera até que lhe fora atribuído um prémio qualquer num concurso sem significado por aí além. Sim, tinha uma ideia. Mas a alma caiu-lhe aos pés quando, muito mais tarde, no consulado de Durban, o poeta lhe apareceu por inteiro e em definitivo nas *Obras Completas de Fernando Pessoa* e, pior ainda, quando, no meio daquela colecção deparou com um volume intitulado a letras preciosas *Poesias de Álvaro de Campos*.

Daisy. Dessa sabia. Uma memória longínqua recordava-lhe um encontro que tivera há anos, muitos anos, no Estoril, com uma jovem escocesa. Filha de comerciantes do vinho do Porto, lembrava-se agora, mas uma figura sem rosto porque o tempo lhe apagara as feições. De tudo o que lhe ficara dela, apenas guardava o nome, Daisy, (um nome que, de resto, ele lhe inventara muito mais tarde) e um breve sinal na face, marcado como uma estrela minúscula, que lhe deixava uma ironia infantil na suavidade da pele. Seria assim?

Um encontro de uma hora, se tanto. Mas as personagens dos poetas nascem



MAS NÃO FORA CAMPOS QUE DAISY VIRA NO OUTRO LADO DO VIDRO. NO SEU ASSOMBRAMENTO. JULGOU ESTAR DIANTE DE UMA APARIÇÃO DE FERNANDO PESSOA, TAL COMO O CONHECEMOS DAS FOTOGRAFIAS, LACINHO, CHAPÉU, ÓCULOS TRISTES, E NUNCA DO HOMEM QUE ELA TINHA CONHECIDO DE MONÓCULO E CABELO LISO, NUMA ESPLANADA DO ESTORIL. VERDADE. AO PESSOA NUNCA O VIRA E TINHA PENA. SABIA QUE ELE LHE ESCREVERA (A ELA OU A OUTRA DAISY) UM POEMA, HOJE CÉLEBRE, SOB O PSEUDÓNIMO DE ÁLVARO DE CAMPOS. SIM, ISSO SABIA. ISSO ERA MAIS DO QUE PÚBLICO, VINHA NAS OBRAS COMPLETAS...

sem tempo real — às vezes vêm numa frase, nada mais, às vezes dum olhar — e sem que alguém dê por isso vão tomando corpo e presença até acabarem numa verdade. Com ele deve ter acontecido assim, um encontro que se recorda, umas frases desgarradas, e em certa noite melancólica de Durban, lua redonda, brisa quente, talvez lhe tenha dado para pensar na morte e dirigira o seu testamento de solidão a alguém que entrevira no passado como uma estrela distante suspensa na memória:

«Olha, Daisy: quando eu morrer...»

Mas essa Daisy que ele recordara era também uma personagem de Fernando Pessoa, via agora. Estava escrita e para sempre em poucas linhas, como aliás estava todo ele, nos tais poemas que Pessoa assinara Álvaro de Campos. Lia-os e relia-os como uma repetição, um eco de si mesmo contado por alguém. E assim perdera a voz que julgava sua; e de escritor secreto, algures em Durban, passara a personagem de poeta público. Fechado no quarto, livro aberto, emudeceu. E à medida que se lia nas *Obras Completas* do outro, foi-se assemelhando, sem dar por isso, a esse autor que se

apropriara dele. De óculos e chapéu escuro, deixou crescer o bigode e, já velho embora não curvado, usava o mesmo lacinho de certas fotografias do Mestre e, à falta da ginginha de Lisboa, passara a beber *cherry* barato nos *pubs* mais populares de Durban.

Continuar a escrever, não. Ficava por ali, pelo que lera naquele volume publicado em seu nome. Para ele, Álvaro de Campos, a pátria já não era o «lugar onde não estivesse» porque outro poeta que vivera nela até à morte a descobrira com a mesma alma e certamente na mesma letra com que ele a descobrira cá de longe.

Não. Agora ponto final, versos nunca mais. Agora queria apenas saber qual a parte de personagem que lhe cabia num escritor que morrera em glória, e ia regressar a Lisboa para confirmar ao real os versos com que ambos a tinham escrito. Daí aquela sua aparição no aeroporto.

Contudo, levava um nome na cabeça: Daisy. Essa, sim, era alguém que lhe pertencia, uma personagem dele, Álvaro de Campos, desde o nome até à alma. Mas teria nascido também de Fernando Pessoa? Tê-la-ia conhecido, como ele, numa esplanada à beira-mar ou viera numa referência casual, um nome ouvido ou sonhado, como acontece às vezes aos poetas? Mais: continuaria viva essa mulher ou perdera-se lá para as brumas da Highland, conduzida por uma estrela da infância que a tornava única entre todas?

Partiu, pois, ao acaso mas partiu. Velho, vestido de Fernando Pessoa, começou a percorrer a cidade que deixara há tantos anos. Não era um personagem à procura do autor porque esse encontrava-o em toda a parte, nas montanhas das livrarias, nas estátuas de bronze, nos painéis do metropolitano, no mundanismo cultural. Era, sim, um personagem que procura outro personagem numa Lisboa revisitada. Daisy, neste caso.

Dizem que os poetas solitários têm um anjo de misericórdia a guiar-lhes os passos. Um anjo cinzento, taciturno, mas paciente. E o de Álvaro Campos, depois de o levar à Embaixada Britânica, ao Clube Inglês e ao Instituto do Vinho do Porto para encontrar qualquer rasto da desejada, conduziu-o a uma *boutique*

elegante de noivas e enxovais numa avenida da cidade nova. Chegado aí desapareceu. Sumiu-se na vertical, de asas apontadas para o céu, e deixou-o junto a uma montra de véus e grinaldas, iluminada de brancura.

Foi ao sol do meio-dia, num inferno de trânsito e de comércio; e ele ali, diante dum grupo de manequins vestidos de tules e de rendas. À porta, mesmo a seus pés, tinha uma palavra inconfundível, desenhada em pedaços de granito no empedrado do passeio: Daisy. E isso era como que a confirmação dum destino, o selo de uma viagem.

Ficou poisado sobre aquele nome sem se atrever a penetrar no mundo de figuras sonhadoras, paradas no tempo, que tinha do outro lado do vidro. O sol a traçá-lo a prumo e ele ali.

Lisboa sempre foi uma cidade de calçadas ilustradas com desenhos e ornatos em pedrinhas multicores compostas por operários de martelinho arteiro: são eles que desenham e escrevem o chão que pisamos todos os dias. Mas este grafismo — Daisy — aqui, aos pés de Álvaro de Campos, valia como uma assinatura milagrosa. Um fim de viagem, uma espera do nada, do impossível.

E eis que de repente apareceu ela. Ela em pessoa. Daisy, não havia dúvida. Surgiu na montra, por entre véus e grinaldas, a compor um manequim e, embora marcada pela idade, continuava com a tal estrelinha no rosto a fazê-la perdurar para sempre.

Daisy. Um homem como Álvaro de Campos que olha através de uma vidraça uma personagem dos seus versos (ou uma recordação vivida, resta saber) se a certa altura se vê descoberto por ela e fitado intensamente e com pasmo, esse homem fica ainda mais preso ao nome que tem debaixo dos pés. Está diante do irreal e não ousa, não consegue, desprender-se da realidade concreta em que assenta.

Mas não fora Campos que Daisy vira no outro lado do vidro. No seu assombramento, julgou estar diante de uma aparição de Fernando Pessoa, tal como o conhecemos das fotografias, lacinho, chapéu, óculos tristes, e nunca do homem que ela tinha conhecido de monóculo e cabelo liso, numa esplanada do Estoril. Verdade. Ao Pessoa nunca o

vira e tinha pena. Sabia que ele lhe escrevera (a ela ou a outra Daisy) um poema, hoje célebre, sob o pseudónimo de Álvaro de Campos. Sim, isso sabia. Isso era mais do que público, vinha nas *Obras Completas*, e o nome da *boutique* representava, digamos, uma retribuição, uma homenagem da parte dela a esse acaso ou a essa coincidência, mas, para ser franca, Daisy nunca imaginara que um pseudónimo correspondesse a uma figura real, confessaria ela depois ao Álvaro de Campos que lhe tinha aparecido naquele deslumbramento do meio-dia.

«Os pseudónimos são sempre figuras reais», murmurou Campos quase a medo.

Eram dois velhos elegantes, dois solitários ligados pela memória dum poeta que afinal nenhum deles conhecera senão pela escrita, e assim passaram a andar pela cidade, lado a lado. Passeavam uma Lisboa iluminada pelo Tejo e às vezes sorriam de si mesmos como se ouvissem o Pessoa num dos seus *Poemas ingleses*:

*«Even ye, now old, that to this come as to your past...»**

Todas as tardes, ou quase, subiam ao Largo do Chiado onde estava a estátua do Poeta, sentado na esplanada dum Café. Com os mesmos óculos e o mesmo chapéu de Álvaro de Campos, parecia indiferente à cidade que ambos tinham contado em verso e olhava em direcção ao rio. Como se dissesse «a minha pátria é onde não estou», pensou Campos, citando-se a si mesmo.

Depois, era infalível, desciam ao Cais das Colunas e sentavam-se quase em cima do rio, num banco da muralha de pedra, rodeados de gaiotas. Tinham a cidade pelas costas e um horizonte de asas pela frente e isso tornava-os mais silenciosos e mais próximos um do outro.

Horas felizes, as duma solidão assim, compartilhada. Lá longe, à distância dos séculos e dos mitos, aquelas águas povoavam-se de ninfas prateadas e de tritões cantadores, sabia disso?, perguntava Álvaro de Campos, voltado para lá das gaiotas.

Daisy sorria e numa suavidade ausente respondia, sem o olhar:

*«And here, memory or statue, we shall stand...»***

Era outro verso dos *Poemas Ingleses*. Pessoa, sempre o Pessoa. Pessoa nunca deixava de estar entre eles porque um autor, morto ou vivo, está sempre nos seus personagens. Às vezes é doloroso, bem sabemos, mas que se há-de fazer?

Talvez por isso, sabe-se lá, é que numa tarde em que subiam o Chiado decidiram tirar uma fotografia, lado a lado com a estátua do Poeta, como fazem os turistas ilustrados. Os três à mesma mesa da esplanada, com ele ao meio, eterno e obscuro. Daisy de vestido leve, perna cruzada, a fumar; Campos paralelo ao Pessoa, o mesmo vestuário, o mesmo olhar.

Ficaram assim, mudos e ausentes, minutos sem conta. Depois deixaram o Poeta de bronze e partiram para o seu banco sobre o Tejo e para as gaiotas que os aclamavam num bailado de asas e de berros. De caminho passaram por uma casa de fotografias para revelarem as películas, sem urgência, disse Campos, mas em duas cópias rigorosas. E seguiu com Daisy pela tarde fora.

Só que quando, dias depois, foi levantar as fotografias, viu que o rolo, quase em branco, apenas registara a estátua do Pessoa. O Pessoa só e único, entre duas cadeiras vazias, porque ele e a Daisy se tinham esvaído como uma miragem, um poema indecifrável.

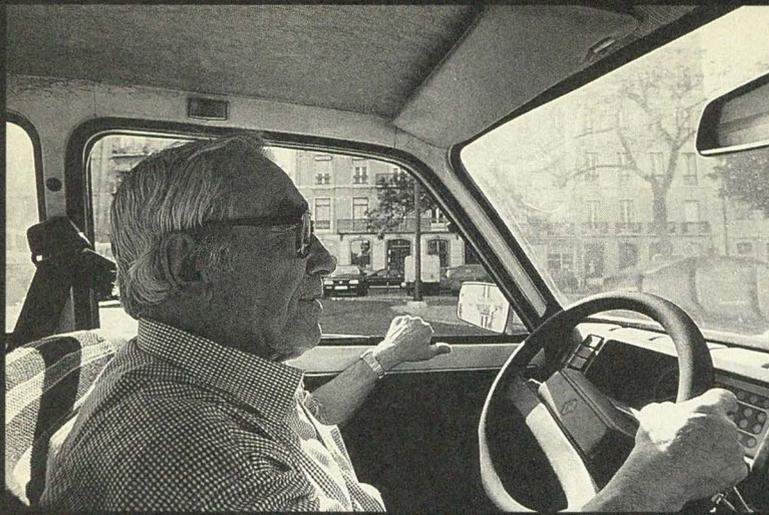
Era uma resposta, pensou Campos com um sorriso de vencido, e enviou a foto a Daisy por correio registado, sem uma palavra, uma assinatura.

Ela recebeu a fotografia e ficou-se a contemplá-la atrás dos manequins de noivado, interrogando-a e interrogando-se sobre aquela mensagem muda. Por fim pegou no telefone, quase a medo, quase nula, e ligou para o hotel de Álvaro de Campos. Ligou uma, ligou duas, vezes sem conta, mas a resposta de lá foi sempre a mesma:

«Engenheiro Álvaro de Campos? Não consta, minha senhora. Nunca constou dos ficheiros deste hotel nenhum hóspede com esse nome». ●

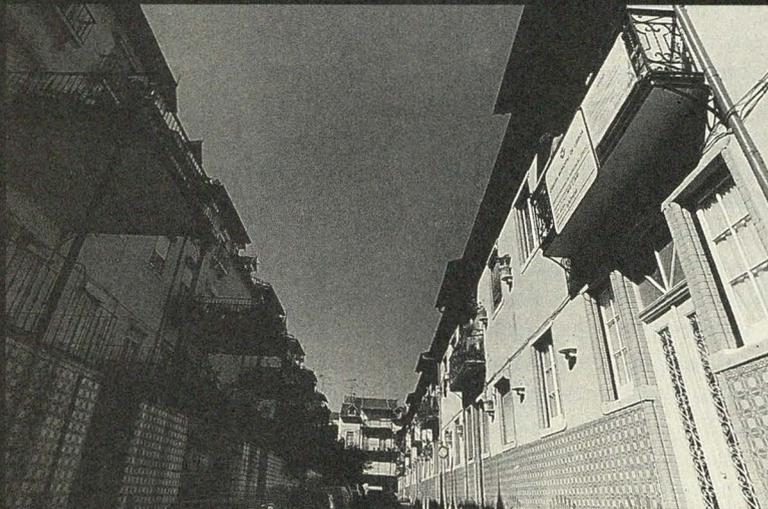
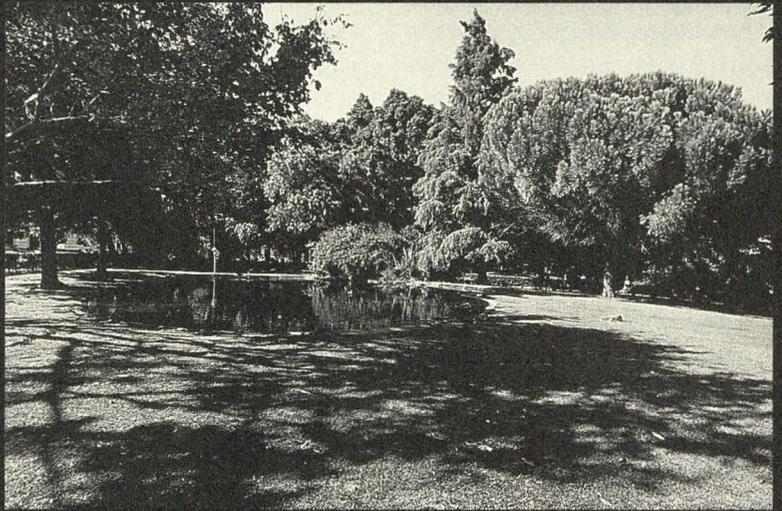
* «E até vocês, já velhos, que vindes a isto como um passado vosso...»

** «E nós, memória ou estátua, ficaremos aqui para sempre...»



Andar de carro pela cidade, cruzar as ruas, obedecer aos sinais de trânsito. Um carro idade de quase reforma, lento, com o motor a ronronar. A ternura de um automóvel que se vai desfazendo com o tempo, lentamente, sem esforço nem medo da cidade.

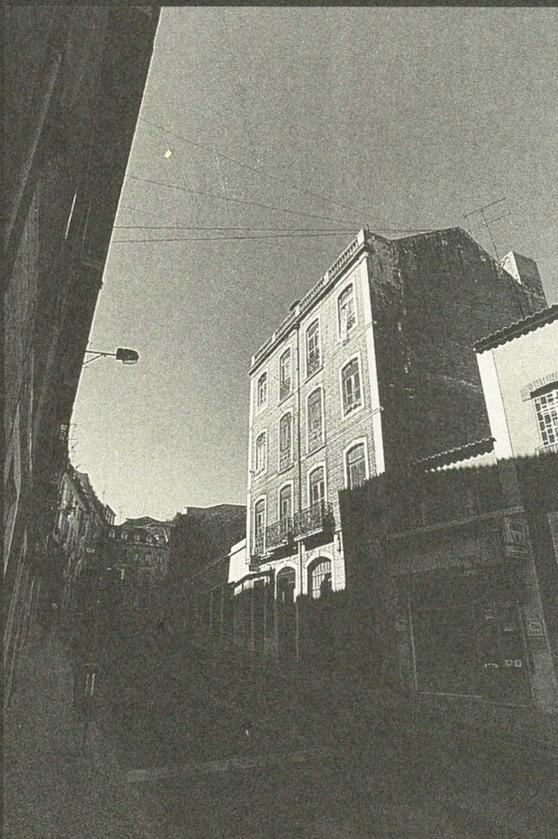
Esta é a cidade, rua a rua, beco a beco, e, percorrendo os livros, vamos inventando personagens mais verdadeiros do que a própria vida — aqui e ali entra-lhe uma nuvem na cabeça, ali no Campo dos Mártires da Pátria, um lago enche de brilho tudo o que está à volta, como as rezas em honra do misericordioso padre.



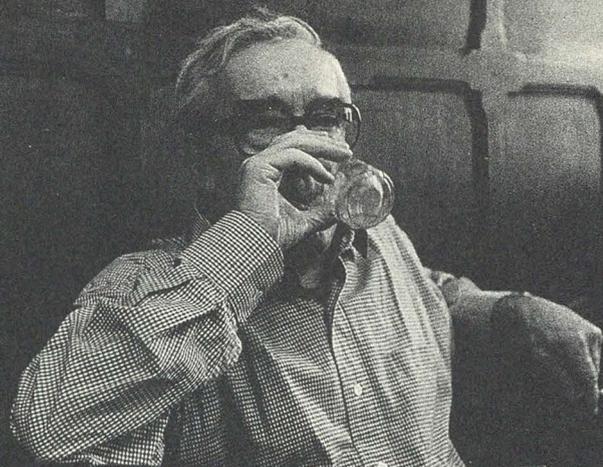
Bairros abandonados, vozes que se perdem e se reencontram. A imagem de uma página é isto: arrancar das gavetas os sinais recolhidos em nome de gente de papel, gente que se move mais do que os vivos e que, na sua imitação, são reais até nela correr sangue, até sentirem dor, medo, alegria, amor, ódio, frio, calor, velhos pousados nos jardins, como «a Vila Bertha dela, com gatos ao luar e ela e o Doutorzinho a rolarem contra o muro da nespeira» (de *Alexandra Alpha*), aventuras em confiança, que são as únicas que interessam à literatura porque, afinal, são essas que os personagens contam ao escritor.



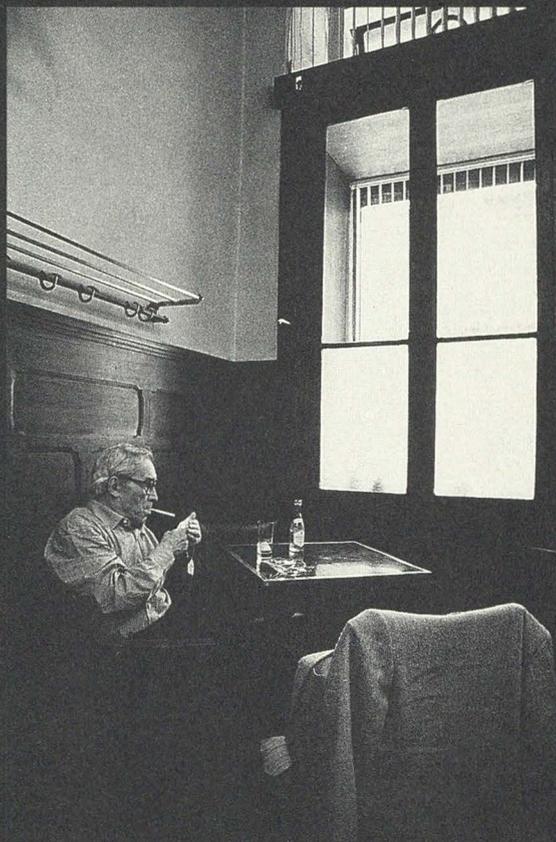
Restaurante Estrela, a caminho da Sé, numa das colinas do castelo de S. Jorge: o inspector Elias, de *A Balada da Praia dos Cães* vinha aqui como um comensal regular, exacto, disciplinado, humilde, silencioso, escondido. Personagem terno, invadido pela pequenez que suspeita e que o aflige. Página a página. Relatório a relatório lido por Elias.



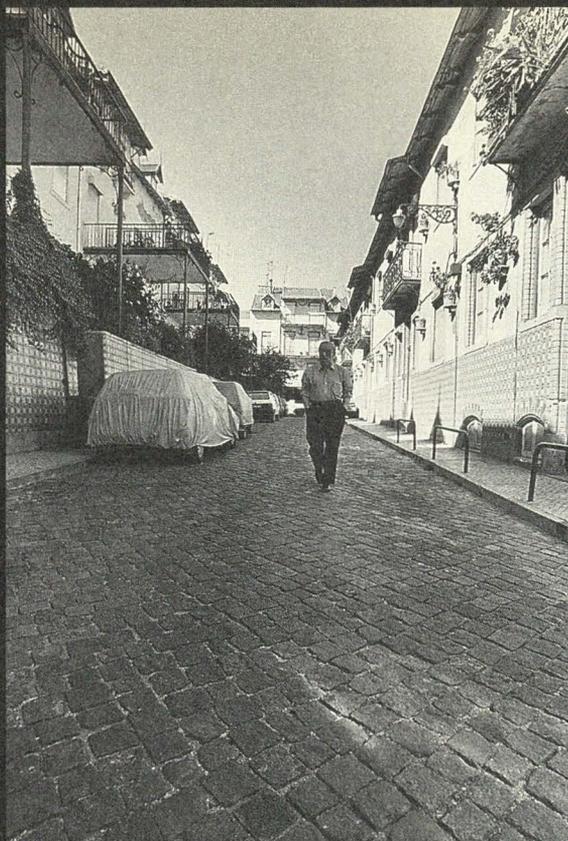
Quem inventa quem, nos livros? Os lugares (como a Vila Bertha, o Bolero Bar, uma casa na praia, uma lagoa abandonada, um quarto de hotel) passam por estas páginas para que nos encontremos com eles, depois, ou para que passem por nós e nos levem a invadir páginas, aventuras, episódios sem história? São personagens deixados ao abanono. Lugares onde o vento vem recolher papéis velhos, lixo, folhas de árvores, indícios de Outono. A Rua de S. Lázaro, onde era o Bolero Bar, de *Alexandra Alpha*, por exemplo.



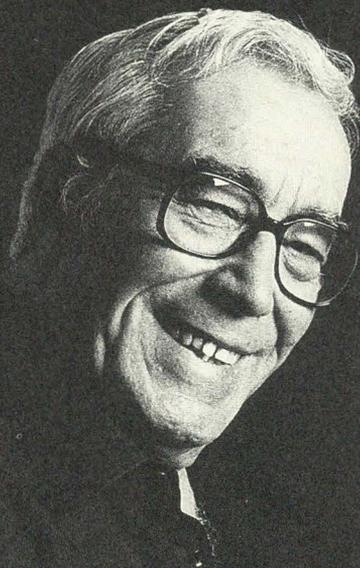
Um homem bebe a qualquer hora. Bebe por si e pelos amigos, e pelo mundo. E pelo sabor da bebida, e pela ternura destas mesas que, a certas horas, são mais tranquilas que as do paraíso. E até por uma memória miudinha, febril, uma memória infiel que se aloja onde menos se espera, a uma mesa do American Bar, exactamente quando os olhos querem semicerrar-se, sonhar com outro país, outra cidade, outras memórias para além daquelas que vêm, de mansinho, sentar-se a esta mesma mesa, não como uma saudade — mas como uma febre. Exactamente como uma febre de nostalgia, de rumores de outras vozes muito mais antigas.



American Bar, de Lisboa. Um repouso para todas as horas. Para que um homem tenha uma outra casa, como um observatório do mundo.



Agora vem um personagem e, logo depois, chamado por este, vem outro. E ambos poisam sobre as páginas de um livro e falam de uma cidade, de um bairro de casinhas de outro tempo, e de varandas de onde se vêem os telhados da própria cidade. A Villa Bartha, um miradouro onde os velhos se sentam para que o tempo passe, silenciosamente, ou com todo o ruído que salta de uma página para outra, porque isso é um romance.



Vil país de pedra e areia, e de lixo, e de esquecimento. Desgraça sobre desgraça, vive disso o país dos seus livros, de assassinios, vinganças, revoltas, miseriazinhas tão pequenas como as glórias sem glória nem fama, nem brilho — e de amor, até, um amor profundo, resistindo à sordidez, contaminando-se dela, andando com ela de braço dado.. País baço, muitas vezes. País de bafio. País de miudezas para o lar e de ruas estreitas. País assim. Resiste-se assim. Se um homem rir, é pecado?